

científica ao longo de mais de 40 anos de pesquisa e docência em Linguística Românica na principal universidade brasileira. Seu mais recente livro revela toda a sua erudição e conhecimento e representa uma série de avanços em relação a outras obras do gênero, inclusive clássicos como o *Manual de Linguística Românica*, de Heinrich Lausberg, por exemplo. O livro adota terminologia linguística moderna e representação fonológica conforme aos padrões internacionais vigentes, ao contrário da maioria das obras de romanística, que, por serem mais antigas (e, diga-se de passagem, há muito não se publicava um compêndio tão completo como este), trazem notações e nomenclaturas desusadas.

Outro grande mérito do livro são as inúmeras citações latinas, seguidas de tradução em português para os não versados em latim, que documentam os registros históricos e as abonações de formas lexicais e sintáticas desde a fase pré-clássica até os autores do latim medieval e eclesiástico.

Os dois volumes de *Elementos de Filologia Românica* são fruto de muitos e muitos anos de pesquisa, o que se reflete no levantamento bibliográfico exaustivo e na própria quantidade de conteúdo. Completa a obra um utilíssimo índice temático. Seria oportuno, no entanto, que também houvesse um índice remissivo de palavras, pois, em manuais desse tipo, o leitor busca muitas vezes pelo termo latino ou românico e não pelo fenômeno linguístico que ele representa.

Defeitos, a obra tem alguns que é forçoso mencionar, mas perfeitamente sanáveis nas próximas edições, que, com certeza, serão muitas. Em termos formais, notam-se falhas de revisão, sobretudo em exemplos estrangeiros (parece que o inoportuno corretor ortográfico do processador de textos insistiu em “corrigir” palavras espanholas ou italianas segundo a ortografia do português) e em tabelas, em que algumas células estão trocadas ou repetidas.

Em termos de conteúdo, em que pesem os inúmeros méritos do livro e as preciosíssimas informações nele contidas, há alguns equívocos

BASSETTO, BRUNO FREGNI (2010): *Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas*, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 456 pp.

Foi recentemente publicado o segundo volume de *Elementos de Filologia Românica*, do Professor Bruno Fregni Bassetto. Em continuação ao primeiro volume da obra, de 2005, que enfocava a história externa das línguas românicas, este novo volume, que trata agora da história interna dessas línguas, já chega como um clássico e leitura obrigatória por todos os estudiosos do tema, sejam alunos, professores, pesquisadores ou mesmo curiosos com interesse em linguística histórica e filologia das línguas europeias.

O autor, titular emérito de Filologia Românica da Universidade de São Paulo, dispensa apresentações, já que é um dos mais eminentes e conceituados romanistas de língua portuguesa, com vasta e relevante produção

cos conceituais que merecem ser comentados. Em primeiro lugar, o autor parte de uma má definição de vocábulos cultos, semicultos e herdados, classificando como cultos alguns termos que, a rigor, são semicultos, e, por falta de clareza na redação, sugerindo que palavras formadas a partir de termos herdados também são herdadas.

Em segundo lugar, alguns (felizmente bem poucos) exemplos são inadequados: numa ou noutra ocasião, o autor ilustrou a evolução fonética em uma língua por meio de termo importado de outra; em alguns casos, semicultismos foram mencionados como exemplos de metaplasmo hereditário.

Há também algumas etimologias erradas, como latim *quassare* > português *cansar* (na verdade, *cansar* provém do lat. *campisare*) e outras não consensuais, como lat. *tottus* > francês *tout*, italiano *tutto* (a forma latina vulgar mais provável é *tuttus*) e lat. vulgar *accum illud* > port. *aquilo* (é fato sabido que na Ibéria e na Dácia o *e* inicial das palavras latinas passava a *a* enquanto na Gália e Itália desaparecia; portanto, *eccum illud* é suficiente para explicar tanto o port. *aquilo* quanto it. *quello*).

Ainda em relação a etimologias, à p. 281 o Prof. Bassetto afirma, na esteira de outros românicos, que a desinência número-pessoal *-ons* da primeira pessoa do plural em francês provém de um suposto lat. *-umus* por analogia com a forma verbal *sumus* ('nós somos'). Ora, essa explicação suscita vários problemas. Primeiro, *sumus* deu em fr. *sommes* e não **sons*. Segundo, por que todos os verbos franceses, em sua maioria regulares, iriam tomar como modelo de flexão um verbo irregular do latim que é único em seu paradigma? Terceiro, para que o fr. *chantons* proviesse de um suposto **cantumus*, seria necessário que o *u* fosse longo (isto é, **cantūmus*, forma inconcebível em latim), caso contrário a palavra seria proparoxítona em latim e paroxítona em francês. E se proviesse de **cantūmus*, a forma fr. seria **chantuns*. Mais plausível é postular *-amus* > *-amos* > *-ams* > **-auns* > *-ons*; neste caso, todos os metaplasmos são regulares: síncope do *o*, dissimilação da labial nasal *m* em *u* (labial) e *n*

(nasal) por assimilação com *s*, e monotongação de *au* para *o*.

Outro equívoco é a apresentação da palavra *domnie* como exemplo do sufixo *-ie* (< lat. *-ia* < grego *-ía*) em romeno (p. 182). Segundo Teodoro Henrique Maurer Jr. (*A Unidade da România Ocidental*, 1951), esse sufixo não tem a ver com o *-ía* grego ou latino e aponta como indício o fato de que nenhuma palavra romena terminada em *-ie* tem correspondente em línguas da România ocidental; além disso, ele mostra que em alguns dialetos da Dácia a forma da palavra é *domnilie*, o que indica que *-ie* proviria de *-ilia* e não de *-ía*.

Mas, a meu ver, o maior problema do livro é a adoção de algumas posturas teóricas insustentáveis, baseadas em definições gramaticais superadas ou contraditadas por pesquisas mais modernas. Senão vejamos.

Ao falar sobre os processos românicos de formação de palavras, Bassetto afirma, inspirado em Dionísio Trácio (p. 167):

Esse é o conceito de *composição*: formação de palavra pela junção de dois ou mais elementos do sistema linguístico semanticamente compatíveis. O foco central do processo de composição é, portanto, formal. A *derivação*, porém, é um processo semântico, em que há deslocamento do núcleo de significação; [...] Esse descolamento (*sic*), não ocorre sempre na composição. Dito de outro modo, nem toda composição é uma derivação. Consequentemente, não se pode falar em derivação nos casos dos sufixos considerados gramaticais (grau, gênero e número nos nomes, v.g., *port-inh-a-s*, e tempo-modo e número-pessoa nos verbos, como em *fal-á-sse-mos*) [...] O mesmo se dá com os prefixos, como com o verbo *pôr*, "colocar", que admite compostos praticamente com todos os prefixos – *apor*, *antepor*, *compor*, *contrapor*, *depor*, *dispor* [...], nos quais não se altera o significado básico de "colocar", mas apenas acrescenta-se uma noção adverbial, que não é suficiente para causar uma derivação, uma vez que o significado básico permanece o mesmo: "colocar", apenas acrescido da ideia adverbial própria ou figurada do prefixo.

Nesse trecho, é visível a confusão entre os conceitos de composição e derivação: “nem toda composição é uma derivação”. Melhor teria sido se o autor tivesse falado em processos de síntese lexical (composição e derivação, com seus subtipos) em suas definições formais modernas, que fazem abstração do aspecto semântico, sempre instável, da palavra. A seguir, fala dos “sufixos considerados gramaticais”, que, na verdade, não são sufixos, são desinências, responsáveis pelas categorias de flexão (que são obrigatórias) e não pela derivação, que é facultativa. (Seguindo nessa imprecisão terminológica, Bassetto volta a falar, à p. 276, em sufixo modo-temporal e sufixo número-pessoal). Como resultado dessa confusão, fala no grau dos nomes como se fosse uma categoria flexional. Ora, aumentativos, diminutivos, comparativos, superlativos não são flexões de grau, são derivações (que em muitos casos têm etimologia diversa da dos termos primitivos). Também é questionável a afirmação de que a composição é um processo formal e a derivação, um processo semântico.

Outra impropriedade conceitual é afirmar que a prefixação não é uma forma de derivação porque não altera o significado da base do vocábulo. De fato, nos exemplos escolhidos (*pôr*, *apor*, *antepor*, etc.), o sentido de ‘colocar’ permanece. Mas *cometer* não se relaciona (mais) com *meter*, nem *retratar* e *contratar* têm algo a ver com *tratar*. Se no latim eventualmente havia parentesco semântico entre esses termos, isso foi obscurecido pela evolução linguística. Do mesmo modo, *portinha* e *condessa* são derivados de *porta* e *conde* (e não flexões), mas conservam o significado básico de seus primitivos. Portanto, a semântica não é um bom critério de identificação dos processos de síntese lexical. Em resumo, tanto a composição quanto a derivação são processos formais, que dizem respeito unicamente à natureza morfológica dos constituintes (lexemas ou gramemas). Aliás, o autor não considera os graus diminutivo e aumentativo como derivações porque supostamente não há mudança de significado. Entretanto, há inúmeros contraexemplos: *fogão* não é um fogo grande, nem *santinho* é um santo pequeno.

Sintetizando, número é categoria flexional; gênero é categoria flexional no adjetivo e derivacional no substantivo; grau é sempre derivação (nem todo substantivo tem aumentativo ou diminutivo, e as categorias flexionais são obrigatórias; a maioria dos adjetivos só apresenta grau na forma analítica, o que indica que não se trata nem de flexão nem de derivação, já que é um processo que transcende os limites da palavra).

Ainda assim, os méritos e qualidades da obra superam em muito esses pequenos deslizes que, apesar de tudo, em nada comprometem a compreensão do processo evolutivo das línguas românicas em seus aspectos internos. Muito pelo contrário, *Elementos de Filologia Românica* é desde já referência indispensável aos estudos de filologia, crítica textual, linguística histórica, românica, comparada e demais áreas afins. Uma obra de fôlego, destinada a ter sucesso e longa vida.

Aldo Bizzocchi